



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da C. G. T.
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Cobre, 58-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. teleg. Taibeta - Lisboa • Telefone: ?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

O INVERNO

Dentro em breve estaremos em pleno inverno, no inverno que é o espectro apavorante dos que não tem uma acha de lenha para aquecer o humilde tugúrio nem um pedaço de bom pano com que cobrir as carnes golpeadas pela invernia. E aproxima-se o inverno a passos agigantados precisamente quando as reservas alimentares são escassas—apezar de sejam criminosamente inutilizadas pelos assambarcadores, o que parceria sintoma de super-abundância—quando se mantem a ameaça a falta de transportes, enfim, quando o horizonte económico daquele indica que breve se desenhará terrível procela, de que as classes trabalhadoras sentem os efeitos. O primeiro inverno de paz será, talvez, mais terrível que qualquer dos invernos da guerra. A Europa, encarregada sanguine e arruinada, já não tem indústria nem agricultura que forneça o que é indispensável à vida e dos países novos, das crescentes civilizações da América, o que de lá enviam será go a peso de ouro.

Por isso, tememos o inverno de 1920. Os artigos de vestuário esvaziam-se vendendo a preços exorbitantes, devido à ganância desmedida dos industriais têxtils e dos faiates, quem possui recursos para comprar um sobretudo, uma capa, enfim, qualquer peça de vestuário que um pouco resguarda das chuvadas impertinentes? Bascular para os preços, para se um estonteamento, porque eles poderão ser cobertos por autênticos milionários. E o que se com os sobretudos e capas, apetece com os fatos, que custam algumas dezenas de escudos, cada que de ruim qualidade. Pe inverno, quando os temporais chegam de aguia os pavimentos das ruas, é de imperiosa necessidade um bom par de botas, foras, que nos perservem da humidade; porém, o calçado, da mesma forma que o vestuário, só pode ser adquirido por nababos. A baixa temperatura exige uma maior alimentação do homem, mas tam caros estão os artigos de alimentação, que o mais bem munido proletário só na aquela do estritamente necessário para a sua manutenção e a de sua família dispõe os recursos monetários colhidos durante um longo período de trabalho.

Dest'arto razão terão para rolar o inverno as classes trabalhadoras. Portugal não se preparou para elas; os governos não cícerizaram ou não tiveram competência para resolver o problema do abastecimento do país, apesar de, durante muito tempo, estarem imobilizados no Tejo, alguns dos barcos ex-alemães. Os oleiros estão quasi que vazios, e pouco que nélles exista, só serve para as manobras dos assambarcadores, que constituem precisamente o núcleo de indivíduos que mais alto proclamam o seu patriotismo e mais verberam acção dos sindicalistas! E' um inverno de fome, um inverno doloroso para os proletários, este que se avisa. Cada dia que decorre mais se aproxima a funbre ameaça. Por enquanto, ainda o azul limpidão da atmosfera, quecedo pelos raios vivificantes do sol, encerra uma promessa de vida; pôdem os trabalhadores traçarem seus filhos semi-nus, retorcendo ao sol, por esses bairros pobres, que não é daf que advém qualquer mal. Porem, quando, dentro em breve o horizonte perde o azul anilado de hoje, coirando-se de negras nuvens anuncadoras de tempestades, já o mesmo não sucederá. A's primeiras batidas de água, aos primeiros golpes ríos de vento, os filhos dos operários, cobertos por uma hipótese de vestia, sentindo duramente o inverno, arroxeados-selhes as carnes e não tendo uma peça de forte pano que lhes traga um pouco do beneficio calor, bastante sofrerão.

E' um quadro bem negro, este que estamos trazendo com negras cores. O inverno de 1920 será para aqueles que vivem do produto do seu trabalho, muito doloroso, ficando como triste recorda-

EM REGIME DEMOCRÁTICO

A prisão dos jovens sindicalistas

Continua a série de violências governamentais—Uma interessante carta dos presos—Os jovens sindicalistas presos organizam, no Governo Civil, uma récita a favor do AVANTE!

Para o forte de Monsanto, para essa massmorra da "Liberdade" e da "Democracia", foram ante-ontem transportados os jovens sindicalistas presos no domingo. Ali, onde os operários foram combater a reacção monárquica, onde foram, arriscando intrepidamente a vida, lutaram por esta República tão ingrata, estiveram defensoras dos interesses capitalistas, jazem agora—oh! irrisão!—aqueles jovens sinceros e puros, vida esaudigem o movimento operário, seiva generosa da classe trabalhadora, que atravessava todas as inclemências e todas as perseguições, vendo mantendo, há sete anos, bem alto, o prestígio das suas juventudes organizadoras e firmeza da sua fé.

O sr. Sá Cardoso ainda não completou o seu feito. Não basta só prender os filhos dos operários; é preciso mais. E' preciso que venha aqui, a esta casa, e nos prende a todos, que vá os sindicatos operários, e algeme também os camaradas dedicados que neles trabalham pela classe trabalhadora, que envie os seus esbirros e aguazis às oficinas, às fábricas, aos campos, afim de deterem todos os produtores, todos os proletários, transformando Portugal em plena República e em plena democracia!—num vasto cárcere!

Assim é que estará bem, assim é que baterá certo. De contrário, não. Encarcerar algumas dezenas de jovens operários num forte, arrancá-los à luz, à vida, à actividade, é um procedimento cobarde, revelador de que os governantes temem dos proletários, de que receiam encarcerá-los porque isso poderia provocar a eclosão imediata de um movimento insurreccional que conduzisse à total subversão da actual inquietação social!

Mais uma vez o governo do sr. Sá Cardoso procedeu prussianicamente. Nem o próprio Hindenburg faria melhor e mais limpo. Prender, perseguir, maltratar aqueles que abrigam uma aspiração de progresso no coração, que tem uma chispa de revolta nos olhos e um palavrão de rivindicação nos lábios. Voltamos aos tempos da monarquia. Então, eram os republicanos os perseguidos. Agora, os perseguidos de ontem, guindados as culminâncias do poder, não permitem que frutifique o menor desejo de emancipação social, fornecendo, para isso, canhões e lanças-bombas à guarda republicana e inundando Lisboa de espíos, a fim de que não escape uma conversa, a fim de que depressa seja capturado qualquer indivíduo que, não concordando com isto vai no melhor dos mundos possíveis, entre que deve reagir e que deve protestar!

Bem desejariam ser maus profetas; mas brevemente todos sentirão a verdade das nossas palavras, ao sentir os flagelos que consigo acarretará o inverno proximo!

Alexandre Vieira

Sáu de Lisboa, com destino às paragens minhotas, o nosso camarada Alexandre Vieira, redactor principal deste jornal. Vai procurar na tranquilidade das regiões do norte o repouso indispensável para prosseguir nestas lutas ingratis em que todos nós andamos envolvidos. Merece bem uma folga o esforço indomito que o nosso querido companheiro de trabalho tem realizado, para subir ao poder — em nome da sua farta. Oxalá lhe seja profundamente reparador o descanso curto que excepcionalmente se permitiu agora.

As férias do "Combat"

cu o "Combat" férias

O Combate, órgão em Portugal dos sociais-patriotas marca Scheidemann-Noske, largava ontem mais meia duzia de ensaios férias, endereçadas ao nosso jornal. Segundo a folha dos homens que se aproveitaram da confusão de Janeiro para subir ao poder — em nome do proletariado, mas para tomar de assalto as succulentas sinecuras do Partido Social e inundar d'apontadores e avorados da cõr as obras do Estado — A Batalha engasgou-se com as deslavadas considerações do Combate. Bem sabemos que custa o Combate, que não é um jornal mas sim um *réclame* diário das virtudes e excelências do sr. Dias da Silva, as palavras duras mas verdadeiras que daqui dirigimos aos desinteressados defensores das classes trabalhadoras, que do que é que o Combate é feito, não é um jornal mas sim um *réclame* diário das virtudes e excelências do sr. Dias da Silva, a caça à mulher, a guerra, a caça ao homem, e a caça pura e simples foi sempre fonte inexaurível de mentira. Mas nunca a mentira foi praticada em tanta escala, se assim me posso exprimir, como durante a grande guerra, no decorrer da qual atingiu a arte de mentir uma perfição que lembra os versos de Bandelaire sobre o aborecer:

Presados camaradas de "A Batalha"— São os jovens sindicalistas que, dos cárceis,

nos quais deputados de

mentira

O amor, caça à mulher, a guerra, caça ao homem, e a caça pura e simples foi sempre fonte inexaurível de mentira.

Prendes proportions de l'immortalité!

O mais curioso é que as mentiras foram quase idênticas em todos os países beligerantes. Cada um deles atribuiu ao adversário a culpa da agressão e da guerra.

Todos eles anunciam a vitória rápida e certa. Todos defendiam a causa da humanidade e da civilização. Todos declaravam os adversários, a cada instante, exautos de forças. Todos prometiam aos povos a felicidade na vitória, na glória e nos lucros. Cada um deles denunciava a barbaria e a má-fé do outro. A força de mentir, perdeu a impressão de que, no teatro da ação, podia verificar bastante bem alguns carnefícios graúdos, inventou a frase "atafahador de crânios", que há-de ficar como uma das conquistas do espírito humano devidas à guerra mundial. Disse-lhe que a mentira, feita instituição do adversário, a culpa da agressão e da guerra.

Toda a gente sabe que entre os mais ardentes adversários do bolchevismo se acham Axelrod, Liber, Martoff, Dan e numerosos cadetes, todos de origem judaica. Estes factos não existem para o Livro Branco inglês. Nenhum documento oficial de ante-guerra se rebela a tanta degradante mentira.

É qual a razão de tais mentiras? Um

facto entre mil vo-la-dará. Há algum tempo, 400 famílias suecas—a Suécia é aladiáfrica!—cotizaram-se para mandar vir para a Suécia 400 crianças russas fainitas. O governo sueco deu a sua autorização. A Cruz Vermelha ofereceu um navio.

Pois o governo inglês ameaçou meter o navio a pique com as crianças.

Teve que se pôr de parte a ideia de salvar aquelas inocentes.

É só estes assassinos de crianças que se apresentam como defensores da civilização!

Uma grande potência que se vê reduzida ao emprego de semelhantes processos acha-se em estado de decomposição. O imperialismo inglês, livre de rivals no Continente já se não constitui mais.

Onde acha-se o bolchevismo que se

trata: trata-se da humanidade sem adjectivos.

Charles RAPPOPORT

(Le Populaire de Paris)

Os documentos parlamentares ingleses distinguem-se sempre pela sua grande seriedade, veracidade e imparcialidade. Todos se lembram de que o imortal autor do Capital se serviu dos aquéritos parlamentares provocados

para aqueles que vivem do seu trabalho, muito doloroso, ficando como triste recorda-

do chefe do governo convocou o conselho de ministros para reunir hoje à noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

noite, no ministério das colónias.

As chefe do governo convocou o con-

selho de ministros para reunir hoje à

Tribuna sindicalista

Oposição de interesses que existe nas sociedades actuais depende exclusivamente da direcção patronal

III

A oposição de interesses entre os produtores e os consumidores, os proprietários e os arrendatários, as companhias de transportes e os viajantes engendram uma infinitude de perturbações e de sofrimentos.

Os consumidores necessitam receber artigos de boa qualidade; os patrões, para aumentarem os seus lucros, temem interesse em reduzir ao mínimo o custo de produção, por isso se arrogam o direito de enganar na qualidade e quantidade dos produtos.

A indústria dos móveis, do vestuário, os patrões roubam sobre a mão-de-obra e sobre as matérias primas, fabricando artigos de má qualidade.

A alimentação, os criadores e os marefes roubam na qualidade das carnes.

Os fabricantes de géneros alimentícios, farinhas, vinho, cerveja, mantimentos, etc., utilizam todos os progressos

fazendo pela física e pela química industrial para falsificar de uma maneira odiosa os produtos, não se importando absolutamente nada com as perverções que tais processos determinam na saúde pública. Até fabricam mixórdias variadas de grande número de artigos, vinho, café, etc. A maioria dos roubos praticados pelos produtores, os pequenos comerciantes a retalho, das cidades, enganam constantemente o público vendendo uma qualidade por outra ou faltando com as quantidades exactas.

O longo dia de trabalho é provavelmente o maior dos patrões porque lhes aumenta proporcionalmente os lucros, mas é desastroso para os trabalhadores, transformando-os numa verdadeira máquina de produzir. O mesmo sucede com a maneira de utilizar a produtividade das máquinas; suprimir operários em vez de diminuir a duração do trabalho e de conservar o mesmo número de pessoas é uma prática muito útil aos patrões, mas absolutamente contrária aos interesses dos proletários, porque tal prática contribui para produzir a miséria, isto é, a suspensão do consumo, e por conseguinte, a produção.

O sistema actual de direcção, pois, faz dos patrões inimigos forçados da classe operária. Nenhun lucro eles podem auferir que se não traduz num sofrimento para os trabalhadores. Todo o aumento do seu bem-estar é feito desse lado.

O interesse dos proprietários de casas de aluguer está também em antagonismo com a dos locatários. Estes

excessivamente compartilham grandes bairros, arejados, cômodos, os proprietários, pelo contrário, tem interesse em mandar construir prédios baratos, que contenham o maior número possível de habitações; em continuar a alugar as suas propriedades, seja qual for o seu estado de vetustez e de imunidade.

Em França, em todas as cidades, as fábricas onde habitam os trabalhadores são peregrinos, com escadas infelizes, latos imundos, muitas vezes com a lama na escada; as habitações pequeninas, mal divididas, recebem a luz dos latos, do tecto ou dos corredores; caem de água e de canalização para a limpeza dos detritos, e os locatários tem que suportar tais condições de abandono porque são vantajosas para os proprietários.

Os interesses das companhias de transporte acham-se em oposição com os dos passageiros. A instalação do seu material e a organização dos seus serviços não é estabelecido com o fim de satisfazer as necessidades do público, senão com o de realizar o máximo de lucro.

De modo que por toda a parte e sempre os patrões e os proprietários procuram roubar o público consumidor.

Conclusão

H. DUFOUR

O perigo da raiva

Sindicatos da Província

AS RUSGAS

Polícias incorrectas

Pol

N.º 210 de A BATALHA Folhetim N.º 18

O CALVÁRIO

POR
OCTAVIE MIRBERU

III

E, apesar disso, parecia que fôrera ontem: essa fumarada, essas planícies ontem, espetros de soldados miseráveis, nos erravam, com os rins despedaçados... Cinco anos apenâs!... E quanto entrei em Prieuré, a casa estava vazia, meu pai estava morto!...

Só de tempos a tempos a longos intervalos, recebia cartas minhas, e eram sempre curtas, secas, escritas à pressa sobre a mochila. Apenas uma vez, depois da noite de terrível angústia, eu havia sido terno e afectuoso; uma só vez, eu havia deixado trasbordar todo meu coração, e essa carta, que lhe levava uma doçura, uma esperança, um conforto, não a tinha ele recebido!...

Marie tinha-me contado que ele ia todas as manhãs ao portão, uma hora

antes da chegada do carteiro, e, em cenas mortais, esperava, espantado a volta da estrada. Passavam os velhos

rachadores, dirigindo-se para a floresta; meu pai interpellava-os:

— Hé! Ribot! Por acaso não viste para ai o carteiro?

— Não, senhor Mintié... E' ainda muito cedo...

— Olha que não, Ribot... Parece-me que já tarda...

— E' possível, senhor Mintié; às vezes assim acontece.

Quando avistava o boné e a gola vermelha do distribuidor, empalidecia, aterrorizado pelo medo de uma notícia má. A medida que ele se aproximava, o coração de meu pai batia com mais violência.

— Hoje só os jornais, senhor Mintié!

— E' possível?... E também hoje não há cartas? Tu enganas-te, meu rapaz...

Procura bem...

E obrigava o carteiro a remexer a mala, a desatar os pacotes, a remirá-los...

Nada!... Mas é incompreensível!

E voltava para a cozinha, enterrava-se na poltrona e soltava um suspiro.

— Calcula, — dizia ele a Marie, que lhe levava uma chávena de leite, — calcula o que seria, se a pobre mãe ainda vivesse!

Durante o dia, visitava, pela aldeia, as famílias que tinham filhos na guerra, e as conversas eram sempre as mesmas:

— Então?... Teve notícias do seu filho?

— Não, senhor Mintié... E do senhor Jean, que há?

— Também não sei nada.

— Ora vejam! Como isto é feito!...

Uma coisa assim!...

Que elas não tivessem carta, não os admirava muito; mas que o senhor Mintié, o senhor maire, não recebesse também notícias, isso surpreendia-o muito.

Faziam as suposições mais extraordinárias; entregavam-se aos comentários mais desanimadores sobre as informações dos jornais; consultavam os antigos soldados, que contavam as suas campanhas com pormenores extravagantes prodigiosos; e ao fim de duas horas, separavam-se, com o espírito mais tranquilo.

— Não se apoquente, senhor maire... O seu filho voltará, pelo menos, coroado.

— Coronel, coronel! — dizia meu pai, sacudindo a cabeça. — Não querem saber!... Que é que é?

Um dia — nunca soube como isto aconteceu — Saint-Michel apareceu cheio de soldados prussianos. Prieuré foi invadido, e compridas espadas se arrastaram pela nossa velha habitação. A partir desse momento, meu pai sofreu mais ainda; a febre apoderou-se dele, delirava, e, no seu delírio, repetia sem cessar: «Aatreia a éguas, Félix, aatreia; querio ir a Alençon procurar notícias de Jean!»

Afigurava-se-lhe que partia, que estava já na estrada: «Vamos, vamos, Bichette, anda, psst!... Teremos esta tarde notícias de Jean... Vamos, anda, psst!...»

E meu pobre pai, suavemente, expirou nos braços do cura Blanchetiére, rodeado de Félix e de Marie, que soluçavam...

E continuava assim durante horas e

Depois de seis meses passados em Prieuré, mais triste do que nunca, eu sentia um aborrecimento de morte...

A velha Marie, habituada a tratar da casa a seu modo, era-me insuportável, a despeito da sua dedicação; as suas manias exasperavam-me, e havia, a todo o instante, discussões em que eu nem sempre tinha a última palavra.

Por companheiro único, tinha eu o bom cura, para quem nada havia melhor do que o notariado, e cuja paciência imbecil me irritava. Macaya-me, de manhã à noite, com esta preleenda:

— Teu avô era notário, teu pai, teus tios, teus primos, toda a tua família, em mim, sempre Pelo respeito de ti próprio, meu filho, não devês desertar deste posto...

Serás maire de Saint-Michel, podes mesmo esperar vir a substituir teu pai no conselho geral, daqui a alguns anos. Isto já é alguma coisa, hein? Depois, asseguro-te, os tempos vão tornar-se diafonicamente maus, para quem ama Deus. Vê tu como esse malvado Lebecq já está no conselho municipal...

Não penso senão em roubar e assassinar, esse canhão... Nós precisamos, à frente do país, de um homem de bom pensar, que sustente a religião e defendam os bons princípios... Paris, Paris!... Oh! Essas cabeças doidas, essa gente nova! Não me quererás tu dizer, alinhado de Deus, o que vais fazer de bom em Paris?... Por lá até o ar é mau!... Olha o grande Mangé... que é de boas famílias, o que não o impeditiu de voltar para ali o gôrro vermelho... Não achas bonito?

E continuava assim durante horas e

horas, fungando a sua pitada, agitando o espírito vermelho do gôrro do granadeuse, que lhe aparecia mais temível que os cornos do diabo.

Que fazer em Saint-Michel?... Ningém a quem comunicar as minhas ideias e os meus sonhos; nem um lar arrente de vida onde despender esta actividade intelectual, este desejo imperioso de saber, de criar, que a passada guerra, desenvolvendo-me os músculos, fortificando-me o corpo, fizera nascer em mim, e que leituras apaixonadas cada vez sobreexcitavam mais.

Compreendia que só Paris, que danava tanto me assustava, podia fornecer seres humildes e vulgares, espontaneamente pretenciosos, macaqueando as maneiras dos mundanos, que él estornava ridículos, de uma vaidez burlesca, de uma inveja feroz; rojasse, todos eles, diante do dinheiro, e adoram de joelhos no chão, o Reclamo, esse velho devasso, que elas erguem sobre extravagantes pedestais... Oh! Prefiro os boiões e os seus bois, os porqueiros e os seus porcos, sim, esses porcos gordos, rosados, que caminham afocinando a terra, e cujo lombo gordo e liso reflecte a nuvem que passa!

Li exageradamente, sem discernimento, sem método, e, dessas leituras desconexas, apenas me ficou no espírito, um cão de factos truncados e de ideias incompletas, no meio do qual eu nada saberia destrinchar; procurei instruir-me de outros modos e concui que só hoje ignoro como era dantes...

Tive amantes que eu amei oito dias, loiras sentimentais e românticas, morenas bravias e avidas de beijos, e o amor

mostrou-me apenas o vazio terrível do coração do homem, a ilusão dos afectos a menira do ideal, o nada do prazer... Julgando-me na posse da fórmula da arte definitiva, à qual eu ia ligar todas as minhas aspirações, fixar os meus amigos palpitantes e viventes, com o alcance das palavras, publicuei um folheto do qual falariam com elogios e que se vendeu bem.

Fiquei lisonjeado desse pequeno sucesso; também eu impei orgulhosamente, como de uma coisa rara; também eu tomei ares superiores, a fin de melhor enganar os outros. E, querendo enganar-me, também a mim mesmo, muitas vezes, em casa, olhei-me ao espelho, com uma satisfação de comeidente, para descobrir nos olhos, na arrogância augusta da minha cabeca, os sinais inividuais do gênio. Mas, ali esse sucesso mais doloroso me tornou ainda a intima constatação da minha impotência. O meu livro nadava; o estilo é torturado, a concepção ingénua; uma declamação violenta, uma fraseologia absurda, substituem nele a ideia.

Por vezes relia passagens aplaudidas pela crítica, e encontrei aí de tudo: Herbert Spencer e Scribi, Jean Jacques Rousseau e Commerçon, Victor Hugo e Eugène Chavette. De meu, apesar do meu nome brilhar ao alto do livro, na capa amarela, nada encontro.

(Continua).

Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais

Para o fornecimento dos materiais abaixo designados, o C. A. C. B. S. recebe propostas, em carta fechada, até às 14 horas, de 1 de outubro, p. f., na sua sede, rua do Arco do Cego, 54-A.

18 peças de pinho de	5,20 x 9,22 x 0,22
9 " "	9,00 x 0,22 x 0,22
18 " "	10,75 x 0,18 x 0,08
44 " "	8,50 x 0,18 x 0,08
18 " "	9,60 x 0,18 x 0,06
18 " "	7,50 x 0,18 x 0,06
18 " "	5,20 x 0,16 x 0,08
50 " "	2,50 x 0,16 x 0,08
18 " "	3,40 x 0,16 x 0,08
18 " "	2,00 x 0,16 x 0,08
16 " "	5,50 x 0,16 x 0,06
140 " "	6,30 x 0,09 x 0,06
140 " "	4,80 x 0,09 x 0,06

Esta madeira será de quina viva, com a tolerância de dois centímetros de costaneiro em duas das suas arestas.

2.000 metros de carriol 0,065 aço.

20 wagonetas c/ caixa de balanço.

300 pás de bico n.º 3.

100 enxadas de gavão.

50 " rasas.

300 picaretas.

100 quilos de pregos de 8" N 3.

250 " " 6" 5.

300 " " 5" 6.

500 " " telhado N 7

500 " " 1/2 telhado N 8.

500 " " G N 9

300 " " 1/2 G N 10.

200 " " S N 11.

150 " fasquiados N 13.

Estes materiais serão colocados no Bairro Social da Ajuda, por conta dos fornecedores que indicarão nas suas propostas os prazos da entrega.

A abertura das propostas far-se-há na presença dos concorrentes, no dia e hora acima indicados.

Pelo Conselho
O vogal de serviço
Alfredo Franco

MAQUINAS DE ESCREVER

Unica oficina no país devidamente montada para as suas reparações e reconstruções

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES
(Esquina da Rua do Mundo)

TELEFONE — 3.066-C.

533

Boa ocasião de comprar barato

Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na

Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 212

é que todos devem comprar o seu calçado com economia

e bom acabamento

SEMPRE SALDOS!

Sortimento de calçado para homem, senhora e criança

DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS

Companhia do Papel do Prado

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Em conformidade com o n.º 5 do artigo 25 dos Estatutos, proceder-se-há

no escrito da Companhia, 270,

Rua dos Fanqueiros 270, no dia 27 do

corrente, pelas 15 horas, ao sorteio de

quarenta e nove obrigações, que deve-

rão ser amortizadas no dia 1 de Outubro

próximo.

Lisboa, 21 de Setembro de 1919.

Pela Companhia do Papel

do Prado (607)

Os Directores

(a) Antonio Centeno.

(a) Antonio G. Viana de Lemos.

Minha Defesa

por Jorge Etiévant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já à administração da

A Semelteira, Calçada do Sodré, 88, ou na

administração deste Jornal.

Cada exemplar, 3 centavos.

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

Sede na sua propriedade

Avenida da Liberdade, 14, Lisboa

6.º And. da res. limitada Capital, 500.000

Seguros sobre a vida humana

E CONTRA

Acidentes, notrabilho, incêndios,

roubo e risc